

Nas pegadas de Rondon

Hélio Jorge Bucker
Ivete Bastos Bucker

© 2005. Hélio Jorge Bucker e Ivete Bastos Bucker

Projeto Gráfico Maria Teresa Carrión Carracedo
Capa Helton Bastos
Editoração Maike Vanni
Revisão Cristina Campos
Walter Galvão
Fechamento de Arquivos Ricardo Carrión Carracedo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bucker, Hélio Jorge.

Nas pegadas de Rondon / Hélio Jorge Bucker,
Ivete Bastos Bucker. -- Cuiabá : Entrelinhas, 2005.

342 p. il.; 23 cm.

ISBN 85-87226-30-4.

1. Índios da América do Sul - Brasil - Cultura. 2. Índios da América do Sul - Brasil - Direitos. 3. Memórias autobiográficas. 4. Rondon, Cândido Mariano da Silva, 1865-1958. I. Bucker, Ivete Bastos. II. Título.


04 - 5981

CDD - 305.80092

Índices para catálogo sistemático:

1. Indigenistas : Memórias autobiográficas 305.80092

As opiniões emitidas nesta obra
são de inteira responsabilidade de seus autores.

 **entrelinhas**

Av. Senador Metello, 3.773 • Jardim Cuiabá
CEP 78.030-005 • Cuiabá-MT • Telefax (65) 624 5294
www.entrelinhaseditora.com.br • editora@entrelinhaseditora.com.br

Nas pegadas de Rondon

Hélio Jorge Bucker
Ivete Bastos Bucker

 entrelinhas

Cuiabá, 2005

Capa:
Hélio Bucker Filho, no primeiro contato
de pacificação dos Cinta-Larga, em Rondônia
(Foto de Gesko, publicada na Revista Cruzeiro, em 1969).

Este livro é um registro dos apontamentos e memórias
de Hélio Jorge Bucker e Ivete Bastos Bucker, de 1948 a 1970.



Dedicamos

Aos nossos filhos, netos e bisnetos.

Ao Dr. Frederico Carlos Soares Campos, pelo incentivo e carinho.

À Maria Cristina de Carvalho Sousa Lima Piloni, pela revisão.

Aos índios de todo o Brasil, com os quais muito aprendemos.

A todos os que ainda hoje lutam pela preservação
da cultura e sobrevivência dos nossos índios.



Prefácio

Este livro, por si, dispensa apresentação, pois se trata de obra da maior relevância para a história do Brasil e de nossa região Centro-Oeste, uma vez que os autores foram pioneiros e desbravadores, vivendo uma vida acidentada, arriscada e perigosa nos ínvios sertões da pátria, tendo como prêmio não o reconhecimento, mas a injustiça. O livro inicia com o belo e importante discurso pronunciado pelo Tenente Alípio Bandeira, por ocasião da sessão solene de instalação da Inspetoria do Serviço de Proteção aos Índios (SPI). Em sua fala, o Tenente Alípio Bandeira homenageia, com muita justiça, as personalidades da História do Brasil que demonstraram uma visão e uma conceituação clara e simpática à causa do índio, as quais, com as penas temperadas nas forjas que o amor alimenta, restabeleceram o caráter do índio caluniado pela maldade ou pela ignorância, e ao país inteiro clamaram em verbos de fogo pela liberdade e pela justiça. A eles podemos reunir Caetano Pinto, Galdino Pimentel e João Augusto Caldas em Mato Grosso, trazendo ao grêmio social os Bororos Coroados. E, finalmente, Rondon com seus auxiliares das linhas telegráficas, retribuindo o ataque dos índios com presentes e agrados, preferindo o martírio à agressão e, assim, conquistando a amizade dos Pareci, dos Irantxe, dos Nambikwara etc. E o livro de que ora me ocupo trata da história de “um pracinha entre os índios”, Hélio Jorge Bucker, nascido em Mato Grosso do Sul, e também de sua esposa, Ivete Bastos Bucker. O biografado chefiou postos indígenas subordinados ao Serviço de Proteção ao Índio (SPI), além de outras atividades ligadas aos problemas dos índios e, em 1968,

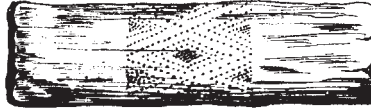
foi nomeado Delegado Regional da FUNAI. Nesse campo, desenvolveu ação profícua em defesa dos interesses dos índios, entrando em choque com detentores do poder econômico em Mato Grosso, além de lutar contra mandantes de expedições punitivas que massacraram índios.

Seu trabalho constitui um documento de suma importância, decorrente de sua vivência e de suas observações pessoais entre vários povos de nossos silvícolas em vários Estados do Brasil. Sua narrativa dos acontecimentos que antecederam a sua viagem para a Itália, integrando a FEB, é uma verdadeira odisséia pelo interior do Brasil, onde começou a recolher apontamentos sobre os costumes da gente brasileira. Posteriormente, descreve as peripécias da luta armada em que tomou parte quando os pracinhas brasileiros se destacaram nos combates pela tomada das cidades de Monte Castelo, Montese e outras. Neste ponto, a narrativa passa a ser feita por D. Ivete, tornando-se menos técnica e mais interessante e romântica. É o interregno da campanha da Itália. Quando Hélio Jorge Bucker volta, ele retoma a narrativa do livro e inicia uma fase para a vida do casal a partir do momento em que passam a residir em Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul. Os começos da vida do escritor Hélio Jorge Bucker e de sua esposa, no Posto Indígena, foi cheio de imensas dificuldades e tudo isso é contado de maneira pormenorizada, ao lado das descrições da paisagem, dos costumes dos habitantes e dos índios: uma verdadeira vida de pioneiros.

Entremeados com a história da vida do casal, encontram-se documentos polêmicos tratando da questão indígena e que constituem verdadeiro libelo contra a política seguida até o presente pelo governo e pelas entidades religiosas, de ordem geral.

Estão de parabéns os autores, por trazerem à luz assunto tão momentoso e de interesse tanto para o Estado de Mato Grosso como para o de Mato Grosso do Sul, o primeiro porque deu ao mundo o inolvidável Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon e a ambos porque neles se encontram ainda tantos aldeamentos indígenas nos quais os autores viveram e aos quais se referem.

Zorrillo de Azevedo Sobrinho – Membro da ANE, da UBE-MS
e da Academia de Letras dos Funcionários do Banco do Brasil.
Campo Grande, 06 de agosto de 1999.



Os autores

Hélio Jorge Bucker

Nasceu em 1º de fevereiro de 1922, em Campo Grande, hoje capital de Mato Grosso do Sul.

Incorporou-se à Força Expedicionária Brasileira, que atuou em terras da Itália na Segunda Guerra Mundial. Foi agraciado com as medalhas de campanha e de guerra e transferido para a reserva, no posto de 2º Tenente.

Notabilizou-se no SPI (Serviço de Proteção aos Índios) e na FUNAI (Fundação Nacional do Índio), onde exerceu a função de Chefe de Posto Indígena em São Paulo, Bahia e Mato Grosso. Na FUNAI, foi Delegado Regional, englobando os Estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Rondônia e Bahia.

Foi um bravo na luta contra os usurpadores das terras indígenas e contra aqueles que tramam o extermínio dos nossos silvícolas. Mais do que isto, foi um apóstolo.

Em 1942, transferiu-se para a Escola de Motomecanização em Deodoro, no Rio de Janeiro, diplomando-se em Especialista Combatente em Carros de Combate Leves e Médios. Participou da Estruturação e do Efetivo do Segundo Batalhão de Carros de Combate, seguindo com essa unidade do Exército para Natal, no Rio Grande do Norte, Zona de Segurança e de Guerra. Em 1943, transferiu-se para o 11º Regimento de Infantaria de São João Del Rei, em Minas Gerais. Com a mesma unidade do Exército integrou a Força Expedicionária Brasileira, participando da 2ª Guerra Mundial no Teatro de Operações, na Itália. Em setembro de 1945, solicitou sua transferência para a Reserva do Exército, sendo-lhe conferida a Carta Patente de 2º Tenente da Reserva. Foi agraciado com as Medalhas de Campanha e de Guerra. Em 1965, requereu sua reforma, com o fito de trabalhar com os índios, o que era seu ideal, conseguindo ser incorporado ao SPI em 1948.

Cargos e funções públicas

No Serviço de Proteção aos Índios (SPI), chefiou Postos Indígenas em São Paulo, Bahia e Mato Grosso.

Esteve à disposição do Serviço de Inspeção de Produtos de Origem Animal do Ministério da Agricultura em atividades no Rio de Janeiro.

Exerceu várias comissões na Diretoria do SPI, no Rio de Janeiro.

No Museu do Índio no Rio de Janeiro, foi relator do Grupo de Trabalho encarregado de estudar e propor soluções para questões de assentamento de terras indígenas. Emitiu parecer em requerimento oriundo do Senado Federal versando sobre Alienação de Terras Indígenas.

Proferiu palestra para estudantes, no Auditório do Museu do Índio, sobre os temas “O Índio, Cultura Material e Recursos Naturais” e “O Índio e as Implicações da Civilização”.

A partir de 1961, exerceu as funções de Chefe da 5ª Inspeção Regional do SPI com sede em Campo Grande-MS.

Em 1964, passou a exercer as funções de Chefe da 4ª IR em Cuiabá, com jurisdição em Mato Grosso, Goiás e Rondônia. Em 1967, cumulativamente com a chefia da 4ª IR em Cuiabá, foi designado para supervisionar a 5ª IR em Campo Grande-MS.

Em 1968, foi nomeado Delegado Regional da FUNAI e promoveu a estruturação e implantação da 5ª Delegacia Regional, com sede em Cuiabá-MT, com jurisdição em Rondônia e criou nesta jurisdição o Centro de Tratamento e Recuperação de Índios Tuberculosos. Criou, também, o Grupo Volante de Saúde e Assistência Social ao Índio, com equipamento para exame de escarros, fezes e extração dentária, diretamente nos Postos Indígenas. Projetou e propôs a criação de reservas indígenas para os índios Cinta-Larga (Surubi), Nambikwara, Pareci, Xavante, Erigpatza, Apiaká e Irantxe.

Processou judicialmente políticos e detentores do poder econômico do Estado de Mato Grosso como usurpadores das terras dos índios Bororos da Reserva Teresa Cristina. Recuperou a tribo dos Bororos da situação calamitosa, cujo índice de tuberculose era de 60%, segundo estatística do SUSAS.

Criou a 1ª Seção de Venda de Artesanato Indígena em toda a jurisdição da FUNAI.

Processou, através da Polícia Federal, os mandantes e executores de Expedições Punitivas que massacraram índios Cinta-Larga no Paralelo Décimo Primeiro.

Suspendeu os missionários da Missão Americana “South América Indians” das suas atividades junto aos índios: Xavante do Posto Indígena Batovi, Pareci do Rio Verde e Nambikwara de Serra Azul, por considerar as mesmas nocivas e atentatórias à integridade física do índio e aos princípios sociais tribais, contrariando frontalmente a Convenção nº 107 de Genebra e a política indigenista brasileira.

Criou a primeira frente de Contato e Pacificação dos índios Cinta-Larga com base no antigo Posto Telegráfico de Vilhena. Coordenou e promoveu a cobertura logística do Segundo Grupo de Pacificação dos índios Cinta-Larga chefiada pelo Sertanista Francisco Meirelles, com base às margens do Rio 17 de Abril, no município de Aripuanã.

Coordenou os primeiros contatos para a pacificação dos índios Beíço de Pau, executada pelo Sertanista João Américo Peret.

Em 1970, foi designado para planejar e implantar a 9ª Delegacia Regional, com sede em Campo Grande-MS. Nessa delegacia, determinou a medição e demarcação das reservas dos índios Kadiwéu, Kaiowá e Terena. Pleiteou e obteve títulos de propriedade de 2.000 hectares de

terras para os índios Terena do Posto Indígena Limão Verde, no município de Aquidauana. Processou os usurpadores das terras dos índios Kaiowá do Panambi, no município de Dourados. Criou, também, nesta jurisdição, Grupo de Assistência Médica e Social, com execução direta nos postos indígenas. Propôs e obteve indenização da Cemat relativamente aos prejuízos causados aos índios do Posto Indígena Francisco Horta Barbosa em Dourados, com a transposição da rede elétrica de alta tensão em suas terras. Propôs e obteve indenização do Dermat relativa aos prejuízos causados aos índios da Aldeia Moreira, em Miranda, com a passagem da estrada Aquidauana em suas terras. Promoveu aberturas de poços semiartesianos nos PI Cachoeirinha e Taunay, no município de Aquidauana e Miranda, respectivamente. Instalou rede elétrica da Cemat no PI Cachoeirinha. Ativou os convênios com o Serviço de Unidade Sanitária do Ministério da Saúde, com o Hospital do Pênfigo, em Campo Grande, e com o Hospital Kaiowá, em Dourados.

Projetou a implantação da Delegacia Regional da FUNAI na Ilha do Bananal, no Rio Araguaia.

Pesquisou no local e propôs solução para a situação aflitiva dos índios Pataxó de Monte Pascoal, em Porto Seguro

Organizou, oficialmente, as primeiras Exposições de Artesanato Indígena, promovendo-as em Cuiabá-MT, Campo Grande-MS e Coxim-MS; em Niterói, na Reitoria da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro; na Associação Brasileira de Imprensa do Rio de Janeiro; no Museu Didático do Parque Municipal Santos Dumont, em São José dos Campos-SP.

Durante 24 anos de atuação oficial junto aos índios, coletou, descreveu e catalogou, diretamente nas aldeias, oitocentas peças de artesanato indígena, constituindo coleção de acordo com os padrões e métodos etnológicos recomendados. As referidas peças se encontram atualmente no Museu da Universidade Federal de Mato Grosso.

Outras experiências profissionais

Desenvolveu inúmeros projetos, tais como o Projeto Agropecuário, para a Reserva dos Índios Kadiwéu; o Projeto Agrícola e Industrial, para o Posto Indígena de Taunay; o Projeto Pecuário, para o Posto Indígena Simões Lopes; o Projeto Agrícola Socioeconômico, para o Posto

Indígena Pimentel Barbosa; e o Projeto Agrícola-Pecuário-Sociocultural, para os índios Bororo do Posto Indígena São Lourenço.

Conferências e simpósios

Em 17 de abril de 1975, no Salão Veloso da Prefeitura de São José dos Campos-SP, proferiu conferência sobre as Influências Negativas da Civilização nas Culturas Primitivas. Em Brasília, realizou Simpósio sobre as Missões Religiosas.

Monografias inéditas

1. Traços da Cultura Material dos Índios de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.
2. Influências Civilizatórias e o Índio na Vivência Primitiva.
3. Caso SPI.
4. Missões Religiosas e o Índio Brasileiro.

Hélio e sua esposa Ivete fazem parte de um grupo de almas postas a serviço da causa indígena. Não transigem no cumprimento de suas obrigações e repelem aqueles que, por ação ou omissão, contribuem para o massacre e conseqüente extermínio dos índios.

Hélio Jorge Bucker desencarnou no dia 10 de fevereiro de 1996, deixando em manuscrito o trabalho incompleto deste livro.

Ivete Bastos Bucker

Nasceu no Rio de Janeiro, em 9 de fevereiro de 1923, em Campo Grande, no antigo Distrito Federal.

Estudou até o curso científico e abandonou os estudos para, em 1944, casar-se com o Hélio, com quem viveu cinquenta e dois anos, até o desencarne do mesmo.

Viveu a maior parte de sua vida em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Depois de viúva, permaneceu em Mato Grosso do Sul, até 2001.

Reside atualmente em Cuiabá, capital de Mato Grosso.

Teve sua educação pautada nos preceitos da moral da época de sua infância e juventude e, como religião, desde o berço, adotou o Espiritismo Cristão.

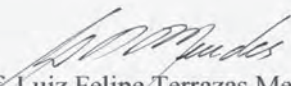
Caracterizam-na a vontade férrea, o caráter ilibado, o coração doce. É um espírito sazonado para o ministério da assistência à família, aos necessitados e, particularmente, ao índio, o objeto principal do presente trabalho que concluiu, codificando os apontamentos de seu esposo e companheiro de tantos anos.

Coronel Arnaldo Dias de Carvalho
Campo Grande, 8 de agosto de 1999.

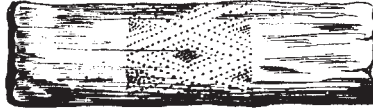
ATESTADO DE EXTENSÃO

A T E S T O que a Sra. **IVETE BUCKER** participou do curso “**INTRODUÇÃO A CULTURA INDÍGENA**”, parte do Projeto de Extensão “**AÇÕES DE SAÚDE BUCAL NO POSTO INDÍGENA BURITI**”, executado pela **DEPARTAMENTO DE ODONTOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL**, no dia 30 de março de 1998, com Carga Horária de 2,5 horas, na condição de **Ministrante do Curso**.

Campo Grande(MS), 24 de julho de 1998.



Prof. Luiz Felipe Terrazas Mendes
Diretor do CCBS



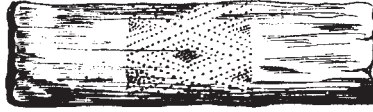
Apreciação

Hélio Jorge Bucker, de suas andanças pelo chão brasileiro, principalmente pelo antigo Mato Grosso como inspetor do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), organização criada pelo insigne Mal. Rondon para dar *status* de gente ao índio brasileiro, colheu, ao longo dos anos de sua árdua missão, subsídios de valores inestimáveis da cultura indígena de nossa terra e houve por bem transpor trechos da experiência vivida para o papel, com a finalidade de publicá-los em livros, de maneira que fosse realçada a cultura do nosso silvícola e os ingentes esforços dos brancos que lutaram sob o comando de Rondon pela integração do índio à comunidade social do branco.

Mas, para que pudesse transpor para o papel os dados dos costumes silvícolas das diversas aldeias entre as quais viveu, teve que amargar dias, meses e anos plenos de óbices dos mais variados naipes, pois, como inspetor que foi, cada vez que era designado para uma missão em inóspitas regiões, levava consigo a dedicada esposa e co-autora deste livro, Sra. Ivete Bastos Bucker, e os filhos, o que, por vezes, criou-lhe sérios problemas, principalmente no setor de atendimento à saúde, já que, no plano habitacional, as condições das instalações eram mais que precárias. Mas, seguindo o exemplo do grande Rondon, sem-

pre conseguiu levar a bom termo as missões que lhe foram atribuídas. Dessa vivência ambulante e difícil deixou-nos o seu recado que ora será publicado para gáudio da gente brasileira. Eu, como longínquo descendente da nação Nambikwara e que tive oportunidade de conhecer, ainda garoto, alguns trechos por eles palmilhados no cumprimento da difícil missão indigenista, posso dizer que o livro é realmente um acervo de grande valor para o patrimônio cultural brasileiro.

Heron Lara – O poeta da natureza.
Campo Grande, 12 de julho de 1999.

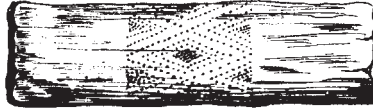


Sumário

Prefácio	9
Os autores.....	11
Apreciação	19
Introdução.....	23
I . Poesias.....	33
II . Discurso	37
III . Resposta de um índio ao presidente dos Estados Unidos da América	55
IV . Pretensão frustrada.....	59
V . Embarque para a Itália.....	69
VI . Nossa história – Memórias da Ivete I.....	77
VII . Depois do retorno da Itália.....	93
VIII . Memórias da Ivete II	107
IX . Viagem de volta.....	113
X . Uma aventura assustadora – Memórias da Ivete III	115
XI . Primeira ida a Miranda	123
XII . Memórias da Ivete IV	125
XIII . Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon.....	135
XIV . Terras e missões religiosas de catequese.....	147

XV .	Pacificação, catequese e a pressuposta integração na sociedade nacional!.....	159
XVI .	Comemoração do Dia do Índio.....	165
XVII .	Índios e seu modo de vida	167
XVIII .	Decadência do SPI – Memórias da Ivete V.....	177
XIX .	Influência das culturas indígenas	181
XX .	Comparação entre o índio e o civilizado.....	183
XXI .	Grupos lingüísticos.....	189
XXII .	Heróis indígenas.....	191
XXIII .	Principais elementos naturais	193
XXIV .	Curiosidades sobre a sabedoria indígena	213
XXV .	Índios Terena.....	217
XXVI .	Aldeia Camararé dos índios Nambikwara	227
XXVII .	Posto Indígena Araribá – Memórias da Ivete VI.....	241
XXVIII .	Índios Bororo – Memórias da Ivete VII.....	245
XXIX .	As regras do Código Florestal do IBDF.....	253
XXX .	Índios Pataxó – Memórias da Ivete VIII.....	255
XXXI .	Sertanista dá os nomes da mataça.....	267
XXXII .	Índios Xavante – Memórias da Ivete IX.....	269
XXXIII .	Primeiros contatos com os índios Cinta-Larga.....	277
XXXIV .	Indigenista culpa a FUNAI pelas mortes de Possidônio e Acrísio.....	285
XXXV .	Hélio Bucker (filho) perdido na Floresta Amazônica	289
XXXVI .	Índios Beijo de Pau	303
XXXVII .	Massacre no Xingu	307
XXXVIII .	Índios Kadiwéu.....	313
XXXIX .	Índios Bakairi.....	323
XL .	Índios Yanomami	325
XLI .	Comentários	327

Hélio Jorge Bucker



Introdução

Genericamente, o índio sempre foi considerado preguiçoso e indolente e isto por razões de sua contemplatividade dos fenômenos da natureza, deles estabelecendo as atividades, normas tribais e normas pessoais.

A cultura e riqueza material dos índios se fundamentam, originalmente, na sua acurada e persistente observação dos reinos animal, mineral e vegetal encontrados no estado primitivo da natureza.

A razão fundamental para serem atribuídas aos índios grandes extensões de terra é porque nelas observam rigorosamente a preservação da biodiversidade inerente à sua sobrevivência, com a manutenção dos padrões socioeconômicos e culturais, tendo na natureza o seu núcleo.

Com criatividade, aproveitam tudo que encontram, quer no reino animal, vegetal ou mineral e, em decorrência da observação, aplicam estes recursos à sua cultura material e anímica.

O conhecimento da vida comunitária e sociocultural dos índios nos faz crer ser este *status* invejável ou de causar inveja às nossas populações marginalizadas da sociedade, em toda a extensão, quer em habitação, alimentação, saúde, educação, etc.

Para o indígena, a pressuposta “integração à nossa sociedade” é igual a extermínio, pela destruição da flora, fauna e toda a biodiversidade, transformando tudo em deserto e destruindo o próprio homem.

Quem observa o indígena percebe, no seu ser, a profundidade atávica acumulada na raça e na história.

A trama urdida que envolve a defesa do índio e das terras por eles ocupadas motivou a criação de um organismo oficial denominado Serviço de Proteção ao Índio e Localização de Trabalhadores Nacionais, em 1910.

A própria denominação especificando suas atribuições é contraditória e antagônica aos interesses indígenas.

Consideramos que os problemas mais graves são os choques étnicos ameaçadores de sua sobrevivência ante as agressões exercidas pela nossa sociedade.

Todos os agrupamentos humanos, ao longo da história, contribuíram com seu traço para o desenvolvimento da cultura e do talento humano. O Brasil formou-se com a herança de três culturas: a negra, a branca e a indígena. João Ribeiro e Gustavo Barroso empregaram uma expressão que a psicanálise hoje vulgarizou: “o folclore é o subconsciente do espírito. Nada podemos, nada sabemos sem esse estímulo primitivo que muitos desconhecem, outros maltratam, comprimem ou sufocam sem possibilidade de êxito”. O que vem à tona é sempre, em cada indivíduo, o resultado fatal da sua profundidade ancestral, acumulada na raça e na história.

Há alguns anos, após aposentar-me das funções de Delegado Regional da FUNAI, cargo exercido por oito anos e anteriormente como Chefe de Inspetoria por mais dezessete anos, alimentei o propósito de escrever o que vivemos e aprendemos na convivência inesquecível com o povo índio. Essa vivência proporcionou-nos conhecer seus problemas, sua índole, sentir a admiração e o respeito que merece.

A minha preguiça mental, as limitações da saúde, que dia-a-dia mais se agrava e o receio de não conseguir transmitir com acerto e propriedade o que a matéria requer fizeram-me, até agora, protelar esta difícil missão. Entretanto, instado por minha corajosa esposa Ivete, que me promete introduzir a parte pessoal de nossa verdadeira aventura, desde

que nos conhecemos até a vivência entre os índios, e animado pelo amigo Alcides Perues, cuja amizade estamos comemorando cinquenta anos, imbuí-me de novo alento.

A guerra que enfrentamos na defesa dos direitos dos índios durante todos esses anos foi pior do que a enfrentada no *front* itálico.

Completando setenta anos no mês de fevereiro de 1992, coincidindo com as comemorações do advento da Arte Moderna no Brasil e com a aproximação da Eco 92, que se realizará nos primeiros dias do mês de junho próximo, na cidade do Rio de Janeiro, considero oportuno passar para o papel anotações sobre nossa vida, sem qualquer pretensão, atendo-me aos fatos ocorridos ao longo da mesma, notadamente os que vivemos no interior dos Estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Goiás, Rondônia e Sul da Bahia, quando em atividade oficial no ex-SPI e na sua sucessora, a FUNAI.

A Eco 92, na modernidade, ficará marcada na história do Brasil e o índio será, na mesma, elemento principal do objetivo desse trabalho como ser intrínseco da biodiversidade, o milenar racional integrado na natureza com inegável criatividade, sem agredi-la para construir sua sociedade e obter a sua sobrevivência.

Com muita dificuldade na grafia, por estar com mãos e dedos dormentes e dolorosos devido à artrite reumatóide, decorrida de problemas na coluna vertebral, tento dar andamento ao feito, pois, se não o fizer agora, sinto que muito em breve não terei a mínima condição de fazê-lo.

O agravamento de minha saúde se acentua por efeito dos antecedentes: campanha na Itália, onde permaneci por mais de cinco meses sob inverno inclemente de dezessete graus negativos; duas cirurgias de coração (duas pontes de safena e implantação da mamária, em 1971, e, em 1985, mais uma safena e reativação da mamária); diabetes adquirido em 1989, responsável por isquemias cerebrais; calcificação das quatro últimas vértebras cervicais com prensamento de nervo, provocando atrofia e disfunção do polegar, com insensibilidade e dormência de todos os dedos da mão direita, deixando-os permanentemente doloridos.

Com tantos males, evidenciava-se a urgência em realizar o que nos propuséramos. Relatando os fatos julgados mais importantes na vivên-